

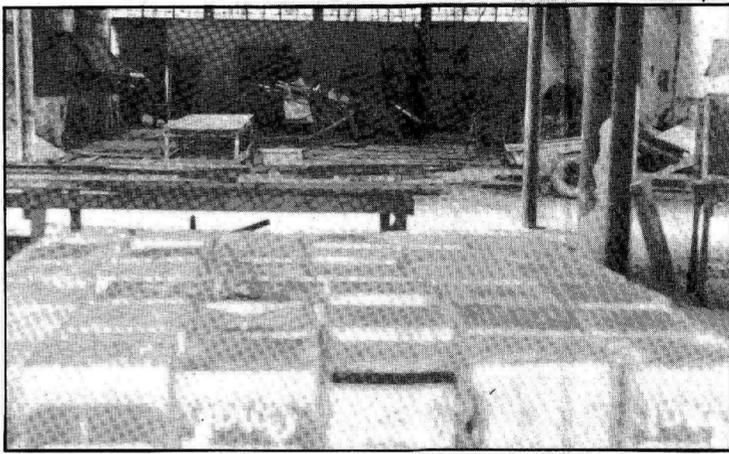
508 NO ESPAÇO

SEIS MESES DEPOIS DE SUA REINAUGURAÇÃO, O ANTIGO CENTRO DE CRIATIVIDADE AINDA NÃO CONSEGUIU CUMPRIR SEUS OBJETIVOS

SEVERINO FRANCISCO

Falta um projeto para o Espaço Cultural da 508 Sul? A pergunta está no ar, quase seis meses após a reinauguração do antigo Centro de Criatividade — um dos marcos da cultura em Brasília durante a década de 70 —, rebatizado de Espaço Cultural da 508 Sul. Em razão de uma série de problemas, até agora o espaço não conseguiu cumprir a função de centro de formação, intercâmbio, produção, pesquisa e experimentação cultural que exerceu durante a segunda metade da década de 70. Segundo Luiz Áquila, diretor do antigo Centro de Criatividade durante este período, este trabalho só se tornou possível graças à participação do então secretário de Cultura, embaixador Vladimir Murtinho: "Na condição de secretário de Estado, ele deu uma força enorme ao centro em termos de estímulo, recursos e prestígio" — afirma Áquila. "Além de cursos, nós realizamos diversas obras em postos avançados das cidades-satélites".

Na visão de Áquila, qualquer projeto cultural para o Espaço da 508 Sul deve ter como referência o fato de que a cidade é a capital do País. Brasília precisa responder melhor à cultura brasileira: "A capital deve ser padrão de qualidade para o País. E Brasília não tem representatividade cultural. Não adianta ficar com uma política cultural provinciana. A cultura local só vai se desenvolver na medida em que pensar em termos de representatividade nacional. Eu acho que as lideranças culturais da cidade deviam brigar para tentar levar o melhor do Brasil para Brasília. Isso teria um efeito positivo na cultura local. A produção cultural de Brasília ainda é muito provinciana. E não se pode pensar em Brasília como se pensa em uma cidade do interior. Brasília, por vocação, deve sintetizar o que existe de melhor em todas as cidades brasileiras. E eu sinto que não existe um esforço para abrir a cultura e ligá-la ao movimento



Nos anos 70, quando se chamava Centro de Criatividade, o Espaço da 508 foi um marco cultural

nacional".

A criação de uma imagem de Brasília, diferente da atual — a de capital da corrupção —, passa por um esforço de investimentos na área da cultura, entende Áquila. Brasília precisa de museus de arte, coleções importantes, bibliotecas, intercâmbio cultural: "É preciso desfazer esta imagem na prática. É preciso perguntar o que Brasília tem a oferecer para o Brasil. Na época em que o Rio era capital, a cidade tinha algo a oferecer para o País em termos culturais. E hoje? O Espaço da 508 Sul pode ser um elemento muito

importante na transformação cultural que Brasília precisa para alcançar a representatividade de capital do País. Um deputado que chega do interior para Brasília deveria entrar em contato com um ambiente cultural que realmente mexesse com a sua cabeça, não com um ambiente provinciano. Fico muito à vontade para falar, porque me considero de Brasília. Eu fiz a minha formação na cidade durante os anos 60. Me preocupo muito com esta questão. Ela é importante para todo o País".

Periferia — O artista plástico Galeno

é um dos que passaram pelo antigo Centro de Criatividade da 508 Sul. Ele sempre vinha de Brazlândia rumo ao Plano Piloto para tentar entrar de graça em algum evento cultural. No centro, Galeno teve a oportunidade de realizar cursos de pintura: "Isso me deu um impulso muito bom". Apesar de ser um dos artistas brasilienses que obteve maior reconhecimento, Galeno permanece morando em Brazlândia: "Eu não saberia o que dizer do Espaço Cultural da 508 Sul porque estou voltado para a periferia. Eu só acho que cada cidade-satélite deveria ter um Espaço Cultural. Pergunte a alguém de Samambaia se sabe o que é Espaço Cultural da 508 Sul? É um espaço inacessível para quem mora em Brazlândia, Taguatinga ou Samambaia".

O cineasta Vladimir reitera a importância do Espaço Cultural da 508 Sul para a cidade. Mas contesta a idéia de se administrar a 508 a um custo zero: "Isto é um mito. Alguém tem de chegar e patrocinar as atividades. O Centro Cultural do Banco do Brasil é, hoje, o mais importante espaço cultural do Rio de Janeiro. Da mesma maneira do que ocorre no Rio, por que o BRB, associado à iniciativa privada, não paga a conta da 508 Sul? Por que não o Espaço Cultural do BRB na 508 Sul? Ou bota grana ou o espaço ficará às moscas. Na verdade, a comunidade cultural já fez a sua tarefa, participando da campanha pela recuperação do

espaço. E estamos prontos para realizar mostras de filme, oficinas de teatro e dança. Mas, sem este mito de custo zero".

Vladimir entende que a cultura joga um papel crucial na perspectiva de se projetar uma imagem de Brasília diferente da difundida nos dias de hoje pela mídia: "A cultura está na linha de frente desta batalha contra a sandice carioca. É através da cultura que Brasília pode concretamente demonstrar a sua emancipação". A atriz Felícia Johnson não aceita o argumento de falta de verbas: "Acho que está faltando botar o pé no chão e ocupar rapidamente o espaço com um planejamento interessante. Se um espaço como o do Teatro G-51 conseguiu se estruturar, com ajuda da iniciativa privada, por que não acontece o mesmo com a 508 Sul?".

Segundo o ator Ary Pararraios, a questão do Espaço Cultural da 508 Sul não pode ser analisada de maneira separada, pois está inserida em todo o contexto da cidade: "Brasília não tem nenhum projeto cultural. Não se ouve a comunidade. Estamos ainda em uma situação pré-68. Os artistas, os que produzem cultura, são as principais vítimas da burocracia. Você vai ao teatro e as pessoas te expulsam porque você quer iluminação. Quando você faz uma crítica, as pessoas pensam que você está contra elas. Ora, a crítica tem como objetivo a transformação deste estado de coisas".

Ary Pararraios detecta uma relação direta entre a degradação da imagem e a fragilidade cultural da cidade: "Sou artista, mas não sou idiota. Cultura é o campo da cidadania. Eu sempre insisto nesta ligação. Onde se criam cidades, para comprar voto, a expressão cultural não tem lugar. A maioria das pessoas acha que este processo não tem nada a ver com cultura. É justamente disso que se vale o poder. Só interessam instituições, como a Shis, porque elas dão voto. E os empresários, ao invés de contribuírem para a produção cultural, criam prêmios, também, para ganhar voto. A classe artística de Brasília é muito fraca. Não reivindica nada. Ela é igual a personagem do Nelson Rodrigues: me bate porque eu gosto. Me bate porque eu gamo".

"Assoprando brasa para fazer centelha"

Em entrevista ao *Caderno 2*, Tetê Catalão, coordenador do Espaço Cultural da 508 Sul, fala sobre a situação atual e sobre as perspectivas do centro, reinaugurado em setembro do ano passado.

Jornal de Brasília — Que avaliação você faz deste período de reinauguração do Espaço Cultural da 508 Sul?

Tetê Catalão: — Eu acho que tivemos uma primeira fase, que está se encerrando em março, marcada por uma atitude inteiramente guerrilheira das pessoas que assumiram o espaço só com 60% de sua estrutura pronta. A reabertura do espaço é fruto de uma batalha. Nós tivemos de fazer até a faxina. Queríamos dar um sinal para a sociedade e para o próprio Governo. O espaço não tem condições de funcionar se não for assumido pela própria cidade.

E por que uma reinauguração sem um plano de ocupação?

Porque não houve tempo. Haviam apenas indícios de que o espaço poderia ser reaberto. Mas, de repente, dois meses antes, os japoneses da Fundação Mokiti Okada avisaram que iam

entregar o espaço. Achamos que era melhor ocupar o espaço, evitando que ele se transformasse em mais um elefante branco em Brasília, como a Casa do Teatro Amador, ocupado por mendigos. E como o espaço foi entregue quase no final do ano, não havia orçamento. Só havia quatro pessoas tocando tudo. A Gibiteca é um trabalho voluntário.

O que muda no Espaço da 508 a partir de março?

O Governo regulariza a faxina, o Espaço Cultural entra no orçamento e chegam os professores da Fundação Educacional, que formarão o corpo permanente para cursos, entre outros, trabalharão no espaço José Eduardo Garcia, Sérgio Moriconi, Célia Matsunaga, Rômulo Andrade, Ana Lúcia Pompeu. Eles vão organizar uma programação de oficinas e cursos. Agora o espaço já tem existência jurídica. E, no orçamento do GDF, já existe a rubrica formação e informação. A máquina administrativa do Governo reconhece as oficinas como programa permanente. A gente ainda não conseguiu abrir um canal para receber recursos destinados a equipamento e

obras. Caso a Fundação Mokiti Okada não continue a bancar as obras, vamos sair para uma campanha com o empresariado local. As pessoas estão cobrando oficinas. Mas a área de oficinas não existe ainda. Estamos improvisando algumas oficinas em salas da administração.

O Espaço da 508 Sul tem um projeto cultural?

Existe um programa básico: é o de ser um espaço experimental, de ensaio e estímulo ao processo. Eu me cansei de teoria. Isto me levou a ser um dos idealizadores do Balão de Ensaio. A partir dali surgiria o Centro de Criatividade. Não quero uma teoria sem uma prática. E sem cair em nenhum tipo de gueto ou de separação entre Plano Piloto e cidades-satélites. O pessoal do Celeiro das Antas está trabalhando no espaço da 508. A partir de março, a equipe permanente do centro vai programar cursos. Dentro das limitações do Espaço, ocorreram muitos eventos em escala pequena. O Espaço da 508 é um monumento vivo. Não pretendo implantar uma política cultural para a 508 ou para o DF. Acredito em políticas culturais. As por-



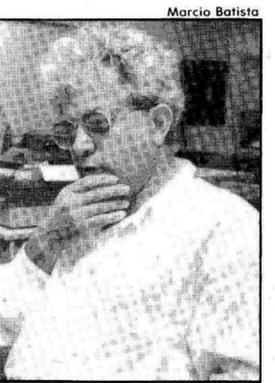
LUÍZ ÁQUILA "O Espaço da 508 Sul pode ser um elemento muito importante na transformação cultural que Brasília precisa para alcançar a representatividade de capital do País"



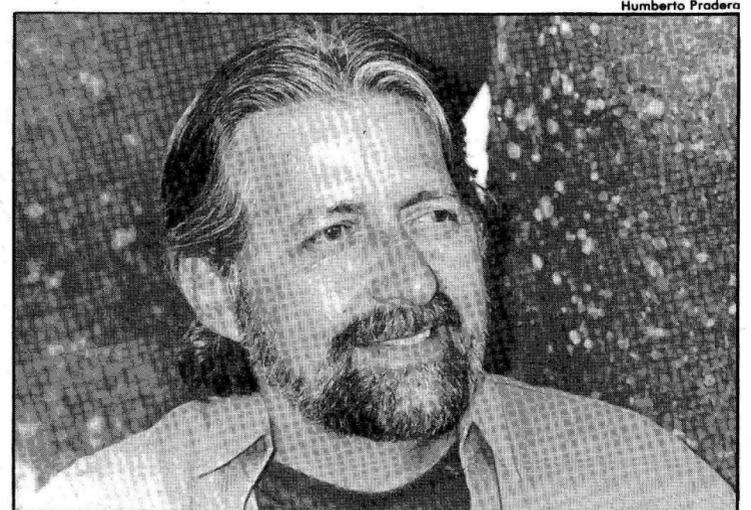
VLADIMIR CARVALHO "O Centro Cultural Banco do Brasil é o mais importante espaço cultural do Rio de Janeiro. Por que não o Espaço Cultural do BRB na 508 Sul?"



GALENO "Eu acho que cada cidade-satélite deveria ter um espaço cultural. O da 508 Sul é um espaço inacessível para quem mora em Brazlândia, Taguatinga ou Samambaia"



ARY PARARRAIOS "Brasília não tem nenhum projeto cultural. Não se ouve a comunidade. Estamos ainda em uma situação pré-68. Os artistas são as principais vítimas da burocracia"



"O Espaço não tem condições de funcionar se não for assumido pela própria cidade", diz Tetê

tas estão abertas. Todos podem apresentar propostas.

Mas, com a reabertura do espaço existe a expectativa de que ele se transformasse em um canal para o diálogo com o que existe de mais avançado nas artes no País?

E isso vai acontecer. Estamos trazendo o Luiz Áquila para uma exposição e talvez uma oficina, e o José Mi-

guel Wisnik para um projeto sobre arte e silêncio. Agora, só posso oferecer a passagem e a estada. Existem pessoas que exigem um material que o espaço não tem. A prioridade número um é terminar as obras do Teatro Galpão, das oficinas e o Cine-Teatro. Digo com toda humildade: estamos assoprando brasa para fazer centelha. O incêndio não vai acontecer agora.